

## **CORDEL E MEIO AMBIENTE NA PERCEPÇÃO DOS POETAS CONTEMPORÂNEOS**

Autor: Anna Christina Farias de Carvalho; Co-autor: Edival Saraiva de Oliveira Neto; Co-autor: Cícero Eugênio Tomaz Alves; Co-autor: Cícera Tayná dos Santos; Orientadora: Adriana Maria Simião da Silva

*Universidade Regional do Cariri – URCA [urca@urca.br](mailto:urca@urca.br)*

**Resumo:** Objetiva nosso trabalho evidenciar a literatura de cordel brasileira como recurso pedagógico para discutir temas relacionados à Educação Ambiental no ambiente escolar, a partir da percepção de alguns cordelistas contemporâneos do Cariri cearense. Os folhetos que compõem nosso *corpus* de análise foram selecionados a partir do Projeto de Catalogação da Cordelteca Leandro Gomes de Barros da Lira Nordestina, equipamento cultural ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Regional do Cariri – PROEX-URCA. Os cinco cordéis selecionados indicaram a inquietação de seus autores com o destino do homem, da flora e fauna, enfim, com a qualidade de vida de nosso Planeta e que para tanto utilizam a estratégia da denúncia e reflexão em suas rimas, sendo de expressiva importância para a socialização de uma situação de calamidade planetária. Nesse contexto, procuramos refletir sobre as percepções sociais denunciadas nos folhetos como fonte para traduzir e discutir as representações da Natureza e do Meio Ambiente através da pesquisa bibliográfica sob a perspectiva Ecocrítica, teoria que analisa a relação entre a literatura e o meio ambiente com uma interface específica que são as relações que se estabelecem entre o homem e o meio ambiente a partir de uma perspectiva ecocêntrica no texto literário, apontando a esfera e o contexto da escrita e sua recepção. A literatura abre um mar de possibilidades de enxergar e entender o mundo, nesse sentido, a perspectiva ecocrítica é uma das várias possibilidades de leitura, quando procuramos analisar as relações dos seres humanos com a Natureza e o Meio Ambiente através do viés literário. Concluímos que o relato nas rimas das narrativas dos poetas cordelistas sobressai uma preocupação com o sertanejo e sua qualidade de vida, associadas que estão aos elementos ambientais como o solo, a vegetação, clima, fauna e flora.

Palavras – chave: Cordel, Ecocrítica, Meio Ambiente.

## INTRODUÇÃO

Entendemos que por ser uma literatura de apelo popular e disseminada no Brasil, especialmente no Nordeste e nas comunidades nordestinas pelo Brasil afora, o cordel consegue alcançar uma grande parte da população, o que provavelmente poderá estimular crianças, jovens e adultos a entenderem de forma clara o problema da degradação ambiental e que estes podem contribuir de forma efetiva, utilizando-se de estratégias cotidianas simples, para a promoção da preservação da vida de qualidade no planeta.

Nesse sentido, objetiva nosso trabalho evidenciar a literatura de cordel brasileira como recurso pedagógico para discutir temas relacionados à Educação Ambiental no ambiente escolar e não escolar; identificar um patrimônio imaterial da cultura nordestina através da caracterização de valores pedagógicos e temáticas ambientais na literatura brasileira de cordel; incentivar o estudante ao conhecimento da linguagem cordeliana, enfocando a cultura nordestina em prol da valorização das nossas raízes e da preservação ambiental; estimular um olhar crítico e simultaneamente poético sobre a realidade sertaneja e sua diversidade, a partir da percepção de alguns cordelistas contemporâneos do Cariri cearense.

Os folhetos que compõem nosso *corpus* de análise foram selecionados dentro do Projeto de Catalogação da Cordelteca Leandro Gomes de Barros da Lira Nordestina, equipamento cultural ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Regional do Cariri – PROEX-URCA. A Lira Nordestina, denominação proposta pelo grande cordelista cearense Patativa do Assaré é originária da Folhetaria Silva criada na década de 1920 em Juazeiro do Norte – CE, por José Bernardo da Silva, sob as bênçãos do Padre Cícero Romão Batista. Em 1938 passou a denominar-se Tipografia São Francisco. Em 1949, José Bernardo da Silva já havia adquirido os direitos de impressão das obras literárias dos poetas Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde, principais autores de cordel no início do século XX. Com a aquisição dos direitos de impressão dos pioneiros, a Tipografia São Francisco configurou-se como a mais importante editora especializada em literatura de cordel do país.

No início da década de 1970 com o falecimento de filhos, da esposa e do próprio José Bernardo, fica à frente da Tipografia sua filha Maria de Jesus da Silva Diniz. Em 1980, a Tipografia passa a denominar-se Lira Nordestina. Com a crise editorial cada vez mais forte, Maria de Jesus vende a Lira Nordestina em 1982 ao Estado do Ceará que em 1988 passa a fazer parte do patrimônio da Universidade Regional do Cariri – URCA. (CARVALHO, 2016)

O cordel, antes do surgimento do rádio, era importante fonte de comunicação no interior do país, sobretudo através das feiras semanais, onde os acontecimentos, em forma de rimas, eram anunciados oralmente, sob a forma de versos falados ou de cantoria.

Na década de 1980, houve um declínio na produção e no consumo da literatura de cordel, e muitas editoras fecharam devido ao retorno econômico insignificante e à massificação/popularização da televisão. No final da década de 1990, a literatura de cordel ressurgiu, a partir da revalorização da cultura popular, através de incentivos estatais, trabalhos acadêmicos e da difusão nos veículos de comunicação, que apontavam o cordel como um produto de valor comercial/artesanal, com a valorização do patrimônio imaterial.

## METODOLOGIA

Procuramos refletir sobre as percepções sociais denunciadas nos folhetos como fonte para traduzir e discutir as representações da Natureza e do Meio Ambiente através da pesquisa bibliográfica sob a perspectiva Ecocrítica, teoria que analisa a relação entre a literatura e o meio ambiente com uma interface específica que são as relações que se estabelecem entre o homem e o meio ambiente a partir de uma perspectiva ecocêntrica no texto literário, apontando a esfera e o contexto da escrita e sua recepção. (BORA, CARVALHO e VASCONCELOS, 2015).

Etimologicamente, o termo Ecocrítica refere que a “análise ecocrítica de um texto pretende de certa forma, dar voz a uma coisa silenciada – a natureza e o mundo exterior.” Nasce da junção das palavras Ecologia e Crítica, referida, primeiramente, por William Rueckert (1978) a partir da aproximação da Ecologia aos textos literários (CEIA, 2014, p. 2).

Conforme referido, a metodologia utilizada foi, basicamente, pesquisa bibliográfica, com consulta ao acervo da Cordelteca Leandro Gomes de Barros do Ponto de Cultura e Gráfica Lira Nordestina, implantada por mim e bolsistas da Extensão da Universidade Regional do Cariri - URCA. Nesta pesquisa, analisamos textualmente quatro autores contemporâneos, definidos a partir do acervo referido. São eles: “O ABC do Flagelado” e a “Emigração e suas consequências”, “O Grito Ecológico”, “O Clamor do Meio Ambiente” e “Deus perdoa sempre, o homem, às vezes e a natureza nunca”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

“ABC do Nordeste Flagelado” e “Emigração e suas consequências” de Antônio Gonçalves da Silva conhecido como Patativa do Assaré (1909-2002). Patativa insere uma narrativa mais direta e crítica, onde o lugar do nordestino, especialmente o sertanejo e seu bioma caatinga é evidenciado no meio ambiente e na sociedade. Esse, não é só alijado de seus direitos básicos como terra, água e pão, são ainda atormentados pela falta de interesse das classes dominantes em relação aos seus problemas cotidianos, sofrendo ainda, as intempéries da Natureza que destrói com as secas as plantações, os homens e os animais. A permanência ou saída de seu espaço, sempre gera sofrimento, humilhações, morte e especialmente a indiferença das autoridades e dos poderosos, como narrado nos cordéis “A emigração e suas consequências” e o “ABC do Flagelado.”

Em “O Grito Ecológico” Bastinha Job já aponta no título do cordel sua preocupação e sua crítica em relação à questão ambiental, deixando clara a interdependência entre homem/natureza.

Podemos observar nos trechos dos cordéis uma preocupação não só com a preservação do Planeta, mas também em apontar uma redefinição da relação entre o homem e o Meio Ambiente, contribuindo dessa forma para reforçar o paradigma cultural e social que coloca o homem no meio das ações de preservação do Planeta. Há uma transcendência latente na narrativa poética desses cordelistas que procuram contribuir com uma nova condição humana de não predador e sim redentor de sua própria existência.

“O Clamor do Meio Ambiente,” do cordelista e xilógrafo, Abrãao Batista. Na primeira estrofe, o autor caracteriza o ser humano como um “animal predador” nos propondo que este não tem consciência, pelo menos ambiental, já nos aponta o contexto textual em que foi escrito. O cordel de A. Batista comenta fatos que despertaram o interesse internacional como a ameaça constante do lixo espacial; envio de toneladas de resíduos para o Brasil oriundo da Europa. O poeta não só denuncia o descaso com a Natureza e o Meio Ambiente, ele também aponta soluções mesmo que de pequena amplitude, ações cotidianas e simples. Ele reflete que não só atos de depredação de grande porte como queimadas, desmatamentos, lixões e poluição e industrialização em grande escala, por exemplo, são responsáveis pelo sofrimento da natureza.

“Deus perdoa sempre, o homem, às vezes e a natureza nunca” de Rosário Lustosa demonstra na sua narrativa como a degradação da natureza é amoral e antiética. Critica a vitimização do Meio Ambiente e alerta para a mais poderosa das leis que é a retribuição do mal causado, quanto em seu

verso refrão coloca: perdoar é para Deus, que sempre perdoa, o Homem nem sempre perdoa e a Natureza retribui a ação nociva/agressão, sempre.

Podemos observar nos cordéis referidos, uma preocupação não só com a preservação do Planeta, mas também em apontar uma redefinição da relação entre o homem e o Meio Ambiente, contribuindo dessa forma para reforçar o paradigma cultural e social que coloca o homem no meio das ações de preservação do Planeta. Há uma transcendência latente na narrativa poética desses cordelistas que procuram contribuir com uma nova condição humana de não predador e sim redentor de sua própria existência.

## CONCLUSÕES

As temáticas abordadas nos folhetos do corpus da análise apontam os problemas cotidianos dos sujeitos a partir da discussão do local, do regional e do global. As construções e reflexões temáticas estão relacionadas a um espaço que interage com a vida dos animais humanos, dos animais não humanos, das plantas, das águas e do ar. Tudo inter-relacionado com a proposta de preservação da natureza e de crítica ao desequilíbrio ecológico.

Os cordéis selecionados indicaram a inquietação de seus autores com o destino do homem, da flora e fauna, enfim, com a qualidade de vida de nosso Planeta e que para tanto utilizam a estratégia da denúncia e reflexão em suas rimas, sendo de expressiva importância para a socialização de uma situação de calamidade planetária.

## REFERÊNCIAS

BORA, Zélia Monteiro; CARVALHO, Anna Christina Farias de; VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. **Antologia cordel e meio ambiente**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, CCTA, 2015. (Coleção Pós-Letras).

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Catálogo de clichês da Lira Nordestina**. Crato-CE:URCA, 2016.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em:  
[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=1597&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1597&Itemid=2)>  
acesso em 10 out. 2014.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.